

ISSN 2358-3320



O CULTO ANCESTRAL FEMININO BATUQUE DO RS
Por Rudinei Borba

O *Òrìsàismo* Afro-sul e O Candomblé Ketu

Kojóba – Calendário

Obàtálá e a Criação do Mundo Iorubá
Por Erick Wolff

Ìyáàmi, Àjé e Osó, por Chief Ifawole
Tradução de Luiz L. Marins

A História *Ìjèsà*
Por Erick Wolff

O povoado de *Kànbí*
Por Erick Wolff

Cidade *Àbína*
Por Erick Wolff

Os *Ìgbóminà*
Por Erick Wolff

Kamuku National Park
Por Erick Wolff

Edit 13

Redação



Erick Wolff

Editor - Diretor

Diretor Espiritual do Ilê Axé Nàgô'Kobi



Dr. Roberto Tamelini Jr.

Juridico

Iniciado no *Orisáismo* Afro-sul

Conselho Editorial

Yasmin Pastore Abdalla

Isabella Annicchino

Roberto Tamelini Junior

Rodolfo Presti

Carta do editor

Nos reunimos para cantar, dançar e louvar Obàtálá criador do mundo físico.



Capa fotografada por Erick Wolff8

Nota

Os instrumentos e materiais captados para a capa, não passaram por rituais de sacralização.



O CULTO ANCESTRAL FEMININO NO BATUQUE DO RS

Rudinei Borba
Pesquisador Independente e
Autodidata

Abril / 2013

RESUMO

O objetivo deste texto é demonstrar a sobrevivência do “culto ancestral feminino” no Batuque do Rio Grande do Sul, traçando um paralelo com a religião tradicional iorubá. O trabalho apresenta a visão do Batuque, e como foi capaz de preservar através dos tempos o culto dos antepassados femininos e masculinos no “Balé”, local coletivo de culto ancestral.

PALAVRAS CHAVES: *Ìyáàmi, Éégún, Ìgbàlè, Yorùbá, Mãe, Egún, Ancestral, Balé, Batuque.*

ABSTRACT

The aim of our paper is to demonstrate survival "female ancestor worship" in Batuque of Rio Grande do Sul, drawing a parallel with the traditional iorubá religion. The paper presents the vision of Batuque, and how was able to preserve through the ages ancestor worship feminine and masculine in "Balé", collective local to ancestral worship.

KEYWORD: Ìyáàmi, Éégún, Ìgbàlè, Yorùbá, Mother, Egún, Ancestor, Balé, Batuque.

INTRODUÇÃO

Diferente de outras raízes afro-brasileiras, o culto “ancestral feminino” do Batuque do RS é realizado no “balé”, ao lado do culto aos ancestrais masculinos, e que tal forma de culto ancestral feminino era, ou ainda é, praticada em alguns lugares de tradição religiosa iorubá conforme veremos no decorrer do texto¹ com as fontes que apresentaremos, demonstrando que mesmo na simplicidade, o Batuque conservou esta ritualística através dos tempos.

Para entendermos melhor nosso propósito de estudo, dividiremos o texto em duas partes, das quais citamos:

- O Culto Ancestral Feminino na Tradicional Iorubá
- O *Balé*: Local de Culto aos Ancestrais do Batuque do RS

Após apresentarmos as pesquisas, finalizaremos demonstrando que o Batuque em sua simplicidade, preservou essa crença e prática religiosa através dos tempos, aonde vem cultuando sua ancestralidade feminina no mesmo local de culto dos ancestrais masculinos.

¹Agradecemos a Luiz L. Marins, irmão de religião, pela contribuição de fontes e sugestões de texto. *Assé!*

O CULTO ANCESTRAL FEMININO NA TRADICIONAL IORUBÁ

Dentro da tradição iorubá existe um grande respeito pelos anciões da família, devido sua experiência e sabedoria adquirida no decorrer de sua existência no *ayé*².

Quando um ancestral iorubá morre, e por direito e merecimento vem a se tornar um *Ēégún*³, seus descendentes ainda continuam chamando os mesmos de *Bàbá mi* (meu pai) ou *Iyá mi* (minha mãe), pois acreditam que permanecerão vivos para eles.

Johnson (1904, p. 245) informa que os mortos do sexo feminino também recebem a mesma atenção e culto que os do sexo masculino, ou seja, o de ancestral *Ēégún*, como segue:

"Os Yorùbá enterram seus mortos em suas casas, pois acreditam em seus poderes após a morte. Havendo o interesse por parte de seus descendentes de culto Egún, se estabelece um lugar fixo na casa para culto aos espíritos dos antepassados falecidos, masculinos e femininos, através dos membros sobreviventes da família da qual tinha sido parte visível" (a tradução é nossa).

2 *Ayé* – Mundo físico.

3Forma abreviada de *Egúngún*, geralmente traduzido por "mascarado", ou seja, espírito materializado de um ancestral, antepassado. Pode também significar "ancestral que cura, que tem remédio, que tem magia", em adaptação gramatical com palavra *Oógún* (remédio, medicamento, magia). No *Dictionary of Modern Yorùbá* (Abraham, 1962, p. 286), temos: *Igbó* (2) = *igbó igbálé* (*iguibó igui "balé"*) = mato onde os *Egúngún* (*Ēégún*) aparecem. Porém, chamamos a atenção do leitor, para não confundir com *egungun* = *eegun* = osso (idem, p. 149), cuja diferenciação ocorre por conta dos tons.

Ainda Johnson, sobre o culto ancestral feminino “individualizado”, Johnson (1921, p. 149) informa que:

“Xangô estava agora possuído pelo desejo de fazer um ato de piedade filial. Ele desejava fazer um culto na tumba de sua mãe morta, mas ele não sabia o seu nome, pois quando ela morreu, ele era um bebê”. (o grifo é nosso).

Através da fala do autor, percebemos que o culto ancestral “feminino” e “masculino” está dentro do culto *Éégún*, sendo que o mesmo registrou essa crença tradicional iorubá muito antes do surgimento das nossas literaturas afro-brasileiras.

Idowu (1994, p. 192) menciona claramente que para o iorubá, o sexo do morto não é importante dentro do culto ancestral, transparecendo que ambos, os homens e as mulheres, que tiveram merecimento, são reverenciados igualmente dentro do mesmo culto, onde diz:

“Já que o defunto realmente nunca está na tumba, continuando sendo os pais ou as mães que foram antes de morrer, capazes de realizar suas funções paternas, agora de uma maneira mais poderosa, sobre seus sobreviventes. Os *Yorùbá* ainda seguem dizendo *Bàbá mi* - ‘Meu pai’, ou *láyá mi* - ‘Minha mãe’, quando mencionam o nome de seus defuntos pais. Apesar de mencionarem trazer o espírito do defunto a casa, raramente diz: ‘Vou falar com o ‘espírito de meu pai’, sendo o que dizem: ‘Vou falar com meu pai’. Assim os ancestrais continuam tendo alguma relação com sua família de quando estavam na terra”. (a tradução é nossa).

Falando sobre o culto de *Sàngó* na África, Pierre Verger (1993) registrou uma importante informação de Roger Bastide, que revela uma forma peculiar de culto a *éégún* feminino:

"Após o falecimento daquele ou daquela que era votado a esse deus, o deus tem necessidade de outro cavalo para se encarnar. Então se evocará a alma do morto ou da morta para dar seu consentimento." (O grifo é nosso).

Famule (2005, p. 73) também registra que o culto ancestral feminino e masculino não está dividido, como segue:

[...] Espíritos ancestrais: O ancestral *Yorùbá* é o morto que teve uma 'boa morte', que tenha vivido como exemplo, e mais importante, alcançado uma idade avançada (pelo menos 80 anos) e antes que venha falecer antes de seus próprios pais. Existem duas classes principais de antepassados da família, os da família (*Ebi*) e os antepassados generalizados (*Akodá, Esidale, Isese*). Os primeiros incluem os espíritos dos antepassados mortos, mães, avós, avós, bisavós e bisavós de uma determinada família nuclear e ou estendida. Acredita-se que os mortos passam adquirir certos poderes sobrenaturais que lhes permitam viverem paralelamente, na sua nova morada no céu (*òrun*) e na Terra (*Ayé*), passando a se comunicar regularmente com seus filhos vivos. Assim, o *Yorùbá* diz: "o espírito do morto, que tem filhos na terra não os abandona, visitando-lhes regularmente para ajudar a enfrentarem os seus problemas". [...] (a tradução é nossa).

O autor mencionado vai mais além que Idowu e Verger em seu relato, registrando que "os primeiros incluem os espíritos dos antepassados mortos, mães, avós, avós, bisavós e bisavós de uma determinada família".

Sobre o fato de este rito ser realizado diretamente na terra, Abimbólá (1997, p.71) afirma que ela é o local de descanso dos ancestrais, como segue:

"Todos os rios das terras Yorùbá, são divindades, igual os campos e montanhas que são honrados pelos homens. A mesma terra é sagrada e na verdade, também é uma divindade. Assim, existem dois céus: um está acima, de onde baixaram as divindades para criar tudo aqui e outro abaixo, escolhido pelas divindades para seu descanso final e para onde vão os ancestrais. Quando uma pessoa morre, não é enterrada no céu, e sim debaixo da terra". (a tradução é nossa).

Através da fala de Abimbólá, pensamos que o "balé" é o local por onde os ancestrais partem em jornada até o *òrun*⁴ e de onde continuam se comunicando com os ancestrais da família, atuando assim como um *aláàbò* (protetor). Neste espaço são depositadas velas, moedas, comidas ritualísticas, bem como, apetrechos que o ancestral mais gostava em vida.

Sobre o uso do chão, *Drewal* (1992, p. 209) relata o enterro de um ancestral nativo iorubá, realizado no solo da própria casa, como segue:

"Os padrões no pano não expressam isso de forma alguma literal. Em vez disso, a complexidade dos projetos como eles flutuam, às vezes por fortes listras horizontais sugere a complexidade da própria vida e domínio do ancião deles. A cerimônia começa o processo de enterrar o corpo, a partir do qual todo o processo deriva seu nome. O cadáver é geralmente enterrado sob o piso da casa. Embora usemos genericamente a palavra 'ele', a descrição se aplica igualmente a homens e mulheres". (A tradução é nossa).

4. Em iorubá, *òrun* – espaço abstrato que "coexiste" paralelamente com o *ayé* (mundo concreto em que vivemos). O *òrun* é o espaço onde habitam os *ara-òrun*, juntamente aos Orixás e os *Egún* (ancestrais). Alguns autores o equivalem ao céu cristão.

Percebemos através da fala da autora que os iorubás enterram seus ancestrais, independente de homens ou mulheres, em suas casas.

Fáládé (1998, pp. 506-508) informa que na ausência do corpo do morto, pode-se criar um local de culto:

"*Egúngún* é a divindade do ancestral que partiu. A crença do povo *Yorúbá* e *Ifá* é que mesmo sendo antepassados falecidos ainda são parte e parcela para a família maior. Eles acreditam que os espíritos dos antepassados são sempre presenteados no local que se encontra os antepassados da família e todos os rituais necessários realizados lá.

Numa situação em que o local do enterro não é de fácil acesso, *Ifá* pode ser consultado. Como uma alternativa, ele diz que o solo pode igualmente ser usado.

No caso de um *Egúngún* trajado, em seguida, os materiais serão levados para o santuário onde o *Egúngún* vai ser alimentado. Na ausência de um Santuário, o solo também poderá ser usado". (a tradução é nossa).

Através do relato de Fáládé percebemos que ambos, o Batuque e a Religião Tradicional iorubá, podem escolher um local de adoração aos seus ancestrais, onde esta prática se mantém viva até nossa atualidade.

O *BALÉ*: LOCAL DE CULTO AOS ANCESTRAIS DO BATUQUE DO RS⁵

Antes de nos pronunciarmos sobre o "*balé*", local onde se realiza o culto aos ancestrais, vamos apresentar o que dizem os dicionários de iorubá, na intenção de buscarmos o entendimento da palavra.

5. O autor é nascido em Porto Alegre - RS no dia 14 de Março de 1981. Iniciado aos 15 anos de idade para Xangô no culto do Batuque (Raiz religiosa de *Kanbina*), através de sua Mãe Carnal, a lalorixá Vera Lucia de *Bara Ijelú*, a qual lhe passou os ensinamentos necessários de toda ritualística do "*Balé*", e de como proceder quando venha a falecer.

No dicionário iorubá/inglês *A Dictionary of the Yoruba Language* (2001, pp. 95, 110) encontramos as seguintes palavras que possivelmente deram origem à palavra “balé”, corruptela falada pela maioria do povo de santo, com significados diferentes, dependendo de sua acentuação, como segue:

PALAVRA	PRONUNCIA	SIGNIFICADO
<i>Ígbálê (s)</i>	<i>Igui"balé"</i>	Vassoura
<i>Ígbàlê (s)</i>	<i>Igui"balé"</i>	Barranco. Quarto secreto.
<i>Gbálê (v)</i>	<i>Gui"balé"</i>	Varrer o chão.
<i>Gbalê (v)</i>	<i>Gui"balé"</i>	Estender, fazer uma extensão.

(Traduzimos a partir do inglês)

No Batuque, o “balé” é uma pequena casa feita geralmente no lado direito, da parte dos fundos da “casa de religião” ⁶, que possui cavado um buraco retangular no solo para serem efetuados os sacrifícios para os “*egúns*”, e que servirá como um *ojúbô* (local de adoração coletiva).

a) A Sacralização do Balé no Batuque do RS

Geralmente é cavado um buraco (*isà òkú*)⁷ nos fundos do terreno da casa de religião, o qual terá “aproximadamente” noventa centímetros de comprimento por setenta centímetros de largura (90 cm x 70 cm) e com uns cinquenta ou sessenta centímetros de profundidade.

6. Forma popular para referir-se ao templo dos Orixás, templo religioso.

7. R.C. Abraham, *Dictionary of Modern Yoruba*, 1962, p. 319.

Este buraco é sacralizado com elementos que são utilizados na ritualística de “*Egún*”, das quais de uma maneira geral, os elementos poderão ser: Café preto fervido, óleo de dendê (*epo pupa*), mel (*oyin*), nove tipos de bebidas alcoólicas diferentes (*otí eesan*), água (*omi*), etc.

Neste local sacralizado e nomeado como “*Balé*” será efetuado os ritos de “Honras ao *Egún*”, onde será homenageado caso tenha merecimento. É ali neste buraco (*balé*) que substitui a cova do morto, que se encontra no cemitério, pois não temos acesso à tumba do mesmo nas dependências do terreno.

b)O Ritual do Balé no Batuque do RS

É de conhecimento geral dos adeptos do Batuque, que o ritual de desligamento do morto é aplicado tanto aos filhos de santo da casa, que tenham o merecimento de culto ancestral, como também ao sacerdote que vier a falecer.

Nossa descrição se aplicará a exemplo de uma possível morte do sacerdote da casa de religião.

Na noite do sexto dia, após a morte do “pai” ou “mãe” de santo com nível elevado de idade no culto do Batuque, as primeiras medidas tomadas pelos descendentes da casa religiosa é o ritual de desligamento do morto. O responsável e substituto do sacerdócio da casa encarrega-se de preparar o caixão e o corpo do falecido, para que assim sejam efetuados os rituais fúnebres, o cortejo e finalmente o enterro.



Antes de começar os rituais no “balé”, se coloca próximo ao portão de entrada do templo religioso alguns materiais que serão usados no rito. De uma forma geral, os elementos utilizados são:

1. Uma bacia com ervas de quebra⁸ maceradas, utilizando as folhas das quais podemos citar algumas delas: Pitangueira, amoreira, cipreste, espada de Ogum, orô, quebra-tudo, etc., na qual foi sacrificado um pintinho.
2. Um prato de barro contendo palitos de palitar os dentes;
3. Um pote de barro com pó vermelho (colorau) ⁹;
4. Um pote de barro com pó de cinza de fogão a lenha;
5. Um pote de barro com pó de carvão moído.

Cada pessoa que entra nas dependências da casa de religião, pega um pouco de cada um desses “pós” e esfrega nas mãos (palmas e costas). A seguir pega um palito representando cada pessoa de sua família ou amigos que não puderam ir participar do ritual, quebrando a quantidade necessária de palitos e depositando dentro do preparo de ervas. Após este processo, são lavadas as mãos na mesma bacia de ervas maceradas que se encontram os palitos quebrados, podendo agora participar da cerimônia.

8. Os iorubás creem que existe uma espiritualidade em todas as “plantas” e um poder positivo e negativo que podem ter modificações espirituais quando convertidas em remédios e banhos, tanto na cultura tradicional, como na diáspora. No Batuque utiliza plantas para quebrar forças, e outras para atrair coisas boas.

9. Colorau ou colorífico (também conhecido em Portugal por pimentão doce), em cultura lusófona, é nome genérico dado a condimentos de cor avermelhada, preparado à base de uma ou mais espécies vegetais, e usado nos alimentos com a finalidade de realçar as suas cores, alterar-lhes a textura e modificar-lhes o sabor. No Brasil é nome dado ao condimento preparado principalmente à base de sementes de urucu dessecadas e trituradas ao pó fino.

Confirmando nosso registro, Simpson (1980, p. 62) informa que no rito fúnebre de desligamento de um sacerdote, os iorubás possuem um ritual muito semelhante a este realizado no Batuque:

“Cada membro que vai ao ritual do enterro, amarra com uma tira de folha de palmeira, um búzio em seu pulso esquerdo. Cada um deles pinta a palma de sua mão com *ofun* (giz branco) e as costas da palma da mão com pó vermelho *camwood* ¹⁰”. (A tradução e a nota são nossas).

Na noite do sexto dia após o falecimento do morto, conforme nosso aprendizado, o sacerdote coloca dentro do buraco, posicionado no centro, uma bola feita com batata inglesa esmagada com casca e colorida com pó de carvão, e nesta geralmente é fixada uma vela acesa na cor branca, podendo em algumas outras vertentes religiosas colocarem nas bordas do buraco.

A “maioria” dos adeptos do Batuque efetua a ritualística do “*balé*” de acordo com a descrição que faremos a seguir, podendo é claro ter diferenças rituais de uma raiz religiosa para outra.

10. *Camwood* (*Baphia nitida*) é uma árvore africana. Sua madeira é comumente usada para fazer um corante vermelho. Nomes iorubá: *Igiòsùn, Iròsùn, Awèwí, Owíwí, Aráse, Ajoláwó Iròsùn* (Verger, Ewé, 1995, p. 637)

Geralmente ao redor do buraco são colocadas as comidas preparadas ritualisticamente, das quais podemos citar algumas mais utilizadas:

- 1.Cozido de legumes regionais (batata, moranga, cenoura, mandioca, etc.);
- 2.Canjica branca cozida e refogada com feijão miúdo¹¹ e cebola picada;
- 3.Canjica branca cozida e refogada com amendoim e cebola picada;
- 4.Canjica branca cozida e refogada com óleo de dendê e cebola picada;
- 5.Canjica branca cozida e refogada com amendoim, óleo de dendê e cebola picada;
- 6.Canjica amarela cozida e refogada com feijão miúdo e cebola picada;
- 7.Canjica amarela cozida e refogada com amendoim e cebola picada;
- 8.Canjica amarela cozida e refogada com óleo de dendê e cebola picada;
- 9.Canjica amarela refogada com óleo de dendê, amendoim e cebola picada;
- 10.Mingau feito com amido de milho e coco ralada, adicionadas pipocas untadas com óleo de dendê;
- 11.Comidas que a pessoa mais gostava;
- 12.Bebidas que a pessoa mais gostava;
- 13.Erva mate (devido ser tradição regional o chimarrão gaúcho);
- 14.Caso pessoa fosse tabagista: Charutos, cigarros, cigarrilhas, fumo em corda, cachimbos, etc;
- 15.Flores;
- 16.Velas de sebo brancas;

11. O feijão-miúdo (*Vigna unguiculata*), também é conhecido como feijão-fradinho, feijão-macassar, caupi, feijão-de-chicote, feijão-de-corda, feijão-de-vaca, feijão-da-china, feijão-da-praia, feijão-de macassar, fava-de-vaca, ervilha-de-vaca, feijão-de-olho-preto, feijãozinho-da-india. Fonte: Embrapa, Pelotas - RS. Nomes torubá: *Éwà* (*funfun, dudu, erewe*), *Erèè ahun, Éwé*. (Verger, *Éwé*, 1995, p. 735).



Foto: *Bábá Osvaldo Omotobátálá* – Montevidéu (Uruguai).

Dando sequência no ritual, o sacerdote sacrifica aves no “*balé*” (galos e galinhas) e quando necessário, um animal quadrúpede, deixando cair o sangue dentro do buraco para após este processo, serem acomodados às cabeças dos mesmos ao redor da bola de batata inglesa esmagada (com casca e com carvão moido), com a vela cravada na mesma, dentro do buraco.

No geral os animais são levados à cozinha para serem preparados religiosamente. Aprendemos na nossa raiz religiosa que as patas e pontas das asas são cozidas e preparadas para serem adicionadas em cima de um pirão feito com farinha de mandioca e refogada com repolho roxo. Este pirão será colocado de oferenda na cabeceira, em volta do “*balé*”.

O sacerdote ou uma pessoa encarregada, geralmente prepara as partes esquerdas dos galos e suas vísceras internas (coração, moela, fígado) com arroz que será depositado como oferenda no “*balé*”. Das partes direitas, aprendemos que são feitas da mesma forma para os participantes comerem no outro dia.

Das partes esquerdas das galinhas e suas vísceras internas (coração, moela, fígado) são preparadas e farofadas para por no “*balé*”. As direitas são feitas da mesma forma e servidas aos participantes.

Durante esta noite, onde são feitos os sacrifícios, pode ser ingerido bebidas alcoólicas e café preto.

Na manhã do outro dia, ou seja, no sétimo dia, de modo geral o Batuque efetua a mesa do café da manhã em homenagem ao morto, destinando a cabeceira desta mesa, disposta no chão, para que o espírito do morto possa participar de uma refeição em conjunto com seus descendentes do culto. Na noite deste dia, geralmente serão depositadas todas as comidas “dentro” do buraco do balé, bem como, todas as que estavam ao redor do mesmo, as sobras da mesa do café e das comidas servidas ao longo do ritual.

Ao final o buraco é tapado com terra e derramado água em cima desta, acomodando o mesmo e apaziguando. São cravadas nove velas acesas em cima dessa terra molhada. Podendo também cada um dos participantes acenderem uma vela, fixando-as na terra que cobriu o buraco. Neste momento os descendentes pedem coisas boas aos ancestrais, independente se o morto era homem ou mulher.

Durante todo ritual de sacrifício no “*balé*” são entoadas rezas fúnebres, acompanhadas de toque do tambor xoxo¹². Em algumas vertentes religiosas do Batuque, como a nossa, são tocados para este ritual a batida do tambor de nome “*Alújá*”, este sagrado para Xangô e os *Egúns*.

12. Ao contrário do toque de tambor em reverência aos Orixás, no Batuque o toque aos *Egún* são realizados com as cordas do tambor semi-esticadas, produzindo assim um som menos estridente.

Em outras vertentes do Batuque, temos o conhecimento que para os sacrifícios aos *Egúns* é entoada a seguinte reza cantada¹³:

Tamboreiro: *Egún alá bélaúô, alá Egún bélaúô*
Resposta: *Auilê bamba, alá Egún bélaúô.*

Por não ser o foco do nosso trabalho, não iremos relatar o preparo dos sacos contendo o carregado do morto, onde geralmente são levados para o mato, rio e praia.

Por ser o “*balé*” um local sagrado, jamais poderá ser objeto do uso de feitiços como fazem alguns religiosos mal informados e mal intencionados, e isto constitui um sacrilégio, pois é neste local onde respondem aqueles que, após a morte, julgam nossos comportamentos. A prática de feitiçaria neste local seria o mesmo que fazer algo errado, e ser castigado imediatamente pelo ancestral ali invocado, pois através do “*balé*”, os “*egúns*” guardam a casa de religião contra espíritos maléficos e escurecidos.

c) O Culto Ancestral Feminino no Batuque do RS

O Batuque do Rio Grande do Sul possui a prática de culto ancestral no mesmo local, independente do sexo do defunto. Como a proposta do nosso trabalho é focar na reverência à ancestralidade feminina, pensamos que esta é a forma de manter viva nossa ancestralidade, pois sem a presença de *Íyá mi* (Minha Mãe) não seríamos nada, não teríamos vivido, e acreditamos que as mesmas merecem o devido respeito no culto.

Quando uma sacerdotisa com idade avançada da comunidade do Batuque vem a falecer,

13. Optamos pela forma aportuguesada do lorubês, pois não temos a mesma na sua grafia original em lorubá.

esta geralmente será reverenciada e cultuada através do “balé”.

Segundo a lalorixá Iara Pontes¹⁴ de “*Bara Adague*” da raiz religiosa do “Oió” no Batuque do Rio Grande do Sul, relata¹⁵ em contribuição ao nosso estudo que:

“No nosso lado religioso, o de *Ọyó*, cultuamos os ancestrais no balé independente de sexo. Temos nossa *Íyálòrìṣà*, a saudosa Lídia Gonçalves da Rocha, mais conhecida como Mãe Moça da Oxum, onde seguimos homenageando a mesma através das comidas que ela mais gostava em vida. Outro Exemplo é o da Tia Lina¹⁶, onde oferecemos comidas que ela gostava. A Tia andava sempre emperquitada de joias, e este vaso que temos ali no balé era aquele que ela mais gostava em vida”. (informação pessoal) A nota é nossa.

Através da fala da experiente sacerdotisa do Batuque, podemos comprovar a presença do culto ancestral feminino no mesmo local praticado o masculino.

Acreditamos que realmente existe a necessidade de preservarmos esta prática ritual, onde coloca a ancestralidade numa posição mais viva e presente e num patamar digno, sem falsos dogmas, sincretismos e misticismos.

d) Culto de *Íyáàmi Ọ̀sòròngà*

Diferente de outras religiões afro-brasileiras, o culto à ancestralidade feminina no Batuque do R.S. não está aglutinada a nenhuma representação coletiva do culto de

14. Ialorixá iniciada há mais de 70 anos no culto do Batuque, sendo ela de Bara Adage e herdeira religiosa da casa da Saudosa Laudelina Pontes de Bara Ijelú. Ambas do lado religioso do *Ọyó* no Batuque e descendentes da casa de Mãe Moça da Oxum. Atualmente Dona Iara mora em Viamão – RS.

15. Diálogo realizado na cidade de Viamão – Rio Grande do Sul, em Dezembro de 2012.

16. Forma carinhosa e pessoal que Sra. Iara Pontes se refere à Saudosa Laudelina Pontes de Bara Ijelú, esta que era sua tia.

Ìyáàmi Òṣòròngà (Elbein dos Santos, 1998, p. 114), pois tal culto não existe no Batuque. Sobre isso, é importante o depoimento do *Chief Ifawole*¹⁷ criticando¹⁸ iniciações que vem sendo feitas para essas entidades.

CONCLUSÃO

Entendemos que o Batuque, tal quais os iorubás, conforme ficou demonstrado, pratica o culto de nossas mães ancestrais *Ìyá Mì*, e tal culto nada tem a ver com o culto de *Ìyáàmi Òṣòròngà* praticado por outras religiões afro-brasileiras.

Concluimos que o Batuque, no Estado do Rio Grande do Sul, mantém ainda vivo o culto “ancestral feminino” semelhante ao praticado pelos iorubás não aculturados, ou seja, junto aos “ancestrais masculinos”. Entendemos que, independente do sexo do morto, ambos são reverenciados dentro de o culto *éégún*, onde o sexo masculino tem sua supremacia sacerdotal.

Pensamos que devemos continuar cultuando nossa ancestralidade feminina no “*balé*” do Batuque, assim preservando o rito realinhado com a tradição iorubá.

17. *Chief Ifawole Idowu Awominire* nasceu e foi criado em *Ilé-Ifé*, originário de *Agésinyowa*. Criado em uma família de *bábáláwo* altamente respeitados. É especializado em *Ifá* e é membro ativo da comunidade de *Obátálá*. Ele tem muitos *omo-awo* e possui o título de *Lisa*, segundo para *Oluwa* na Fraternidade *Ogboni*.

18. INTERNET, disponível em: <<http://culturayoruba.wordpress.com/iyami-aje-e-oso/>>

Deixamos registrado aqui um pedido para os futuros sacerdotes e escritores da nossa diáspora afro-gaúcha, que não busquem informações e explicações da nossa ritualística do Batuque nas outras religiões afro-brasileiras, pois temos as nossas preservadas através e aqui fundadas há quase dois séculos.

“Acreditamos que o Batuque não deva ser modificado e sim melhor entendido!”

Àse!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIMBOLÁ. Wande. *Ifá will mend our broken world – Thoughts on Yorùbá Religion and Culture in Africa and the Diaspora, Ifé, Iroko Academic Publishers*, 1997.
- _____, “A concepção ioruba da personalidade humana”, Paris, 1981. In: INTERNET, Cultura Iorubá, <<http://culturayoruba.wordpress.com>>.
- _____, *Yoruba Oral Tradition, selections from the papers present at the seminar on Yoruba oral tradition: poetry in music, dance and drama. Department of African languages and Literatures, University of Ife, Ile-Ife, Nigeria*, 1975.
- _____, “Noção de Pessoa e Linhagem Familiar entre os Iorubás.” In, INTERNET: Cultura Iorubá <<http://culturayoruba.wordpress.com/nocao-de-pessoa-e-linhagem-familiar-entre-os-iorubas/>>
- ABRAHAM, R. C. *Dictionary of Yoruba Modern, London*, 1962.
- ADESOLU, Michael Adémola. Nigéria, História – Costumes, cultura do povo Ioruba e a origem dos seus Orixás, 1990, edição do Autor.
- BABAYEMI, S. O. *Egúngún among the Oyo Yoruba, Oyo State, Council for Arts and Culture*, 1980.
- BASCOM, William. *Yoruba concept of the Soul*. In: INTERNET: Cultura Iorubá, <<http://culturayoruba.wordpress.com/concepcaoiorubadaalma/>>
- BOWEN, Rev. T. J. *Grammar and Dictionary of the Yoruba Language*, 1856. In: INTERNET, Cultura Iorubá, <<http://culturayoruba.wordpress.com/dicionarios-de-yoruba/>>.
- DREWAL, Margaret Thompson. *Yoruba Ritual (Performers, Play, Agency)*, Indiana University Press, Indiana, 1992.
- ELBEIN DOS SANTOS, Juana, Os Nagô e a Morte, Petrópolis, Vozes, 1993 [1986].
- FAKINLEDE, Kayode J. *Modern Practical Dictionary English-Yoruba \ Yoruba-English*, Hippocrene Books, Inc, New York, 2008

- FÁLÂDÉ, Fásinà. Ifá – *The Key to its' Understanding*, Ara Ifa Publishing, Califórnia, 1998.
- FAMULE, Olawole F. *Art And Spirituality: The Ijumu Northeastern-Yoruba Egúngún*, Phd. Dissertation, University of Arizona, 2005.
- HOULBERG, Marilyn H. "Egungun Masquerades of the Remo Yoruba". In: *Special Egungun*, *African Arts Journal*, XI, 3, UCLA, African Studies Center, University of California, 1978.
- IDOWU, B. Bolaji. *Olódùmarè, God in Yoruba Belief*, New York, A&B Books, 1994 [1962].
- JOHNSON, Bispo James. *Yoruba Heathenism*, 1904
- JOHNSON, Rev. Samuel. *The History of the Yorubas - From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate*, Lagos, Routledge & Kegan Paul, 1921 [1973].
- SIMPSON, George E. *Yoruba Religion and medicine in Ibadan*, Ibadan, Ibadan University Press, 1980.
- VERGER, Pierre. "As múltiplas atividades de Roger Bastide na África, 1958". In: Dossiê Brasil/África, Revista USP, n. 18, Jun/Jul/Ago, 1993.
- _____, *La société egbé òrun des àbíkú, les enfants qui naissent pour mourir maintes fois*, Bulletin de l' IFAN, vol. XXX, Série B, n° 4, Dakar, 1968.
- _____, "Noção de Pessoa e Linhagem Familiar entre os Iorubás." In, INTERNET: Cultura Iorubá <<http://culturayoruba.wordpress.com/nocao-de-pessoa-e-linhagem-familiar-entre-os-iorubas/>>
- _____, Etnografia religiosa Iorubá e proibidade científica, Revista Religião e Sociedade n° 8, São Paulo, 1982.
- _____, *Grandeur et décadence du culte de Iyami Osoronga*, in *Journal des Africanistes*, XXXV, Paris, 1965.
- _____, *Orixás (Deuses Iorubás na África e no novo mundo)*, Editora Corrupio, São Paulo, 1993.

Aproveite as chances que *Orí* lhe proporciona,
elas podem determinar a sua felicidade.
O mundo usa uma seleção natural e efetiva para
eliminar os fracos e incapazes...
Somente aqueles que merecem e estão
preparados farão parte de uma ancestralidade.

Assim diz *òrìṣà*



Obàtálá e a Criação do Mundo Iorubá

Este vídeo narra o *itàn Òrìṣà Dídá Ayé*, 401 belíssimos versos, uma narrativa inédita realizada no *àpèjò* à *Òṣàálá*, em 13/04/2013 no templo *Ilé-oba Agodo Àṣe Nàgò'Kòbì*, raiz do *Ilê Axé Nagô Kobi*, gravadas durante a obrigação do *Ẹ̀ṣàngó Agodo*. Neste *àpèjò* reunimos algumas famílias do *Òrìṣàismo* Afro-sul (Batuque) e do Candomblé de Ketu, considerando que todos fazem parte da cultura *Yorùbá*.

Seguindo a orientação de Abimbola, Luiz L. Marins resgatou e recontou a antiga história nagô sobre a criação do mundo iorubá, na forma tradicional de um *Ifá nlánlá léṣe-léṣe*, cujo protagonista único é o *Òrìṣà Òṣàálá*, e que poderá ser lida no livro "Obàtálá e a Criação do Mundo Iorubá", que será lançado este ano.

Nota

Os vídeos e algumas imagens captadas para este trabalho, foram produzidas no templo *Ilé-oba Agodo Àṣe Nàgò'Kòbì*, raiz do *Ilê Axé Nagô Kobi*, gravadas durante a obrigação do *Ẹ̀ṣàngó Agodo*, em 13/04/2013, para registrar o primeiro *àpèjò*, para homenagear o criador do ayé. Reunimos algumas famílias do *Òrìṣàismo* Afro-sul (Batuque) e da nação *Ketu*, todos reunidos para contar a sua lenda, dançar e cantar orin para *Obàtálá*.

As demais imagens, crédito à saber.



O *Òrìsàismo* Afro-sul e O Candomblé *Ketu*

14/05/2013

O proposito desta entrevista é criar um paralelo entre a Nação *Ketu* e o *Òrìsàismo* Afro-sul, observando que ambas possuem rituais, cultura e cerimoniais distintas, apesar de possuírem a mesma matriz (*Yorùbá*). Para isso iremos demonstrar os itens e conceitos que se distinguem e ao mesmo tempo em que fazemos algumas observações sobre a Ancestralidade Ioruba e o culto de cada uma.

Convidamos a Sacerdotisa Fabize Muinhos, fundadora do *Àṣe Foribalè Korun*, da Nação *Ketu*, que descende do *Àṣe Tokole*, Bahia, filha do *Bàbá* Fernando Castro, para presenciar os rituais do culto à *Sàngó* no *Ilé-oba Agodo Àṣe Nàgó'Kòbì*, para conhecer a cultura e tradições desta Nação, com a intenção de promover um intercâmbio cultural entre estas culturas. Baseado nisso produzimos uma pequena entrevista para que fossem expostos os conceitos vistos de fora para dentro pela primeira vez, convidando uma Sacerdotisa que possui conceitos e respeito pelas demais Nações e Religiões de Matriz Africana, desta forma segue algumas perguntas;

Revista *Olorun* - Você se reconhece religiosamente num *àse Òrìṣáista* Afro-sul?

Iyá Fabize - Guardando as devidas proporções e diferenças ritualísticas aos ancestrais cultuados, a primeira impressão foi de que havia mais similaridades entre os nossos cultos que diferenças. Quero deixar acentuado aqui que as minhas considerações serão todas relativas às minhas raízes e à minha *Ilé*¹⁹, os termos comparativos aqui serão estabelecidos estritamente pela minha forma de Culto aos *Òrìṣà* e às disposições que obedeço no meu *Àṣe*.

Revista *Olorun* - À primeira vista quais elementos religiosos que se destacam no templo *Òrìṣáista* Afro-sul?

Iyá Fabize - A estrutura religiosa e cultural Afro-Sul é muito fácil de reconhecer, encontrei na frente do Terreiro de um lado a Casa de Exú²⁰ (entidade cultuada na Umbanda) e ao outro lado Casa de *Òrìṣá Lode*²¹ e *Avagan*²² e ao lado outra casa com *Timboá*²³ e *Kamuka*, em um primeiro paralelo com a minha Casa, segmento Nação *Ketu*, encontraríamos certamente a Casa ou Quarto de *Èṣù (Òrìṣà)*, bem como, a Casa de *Ògún Sòrokwè*²⁴, e em ambos seus devidos assentamentos tomando conta da entrada

¹⁹ *Ilé* - Casa ou templo.

²⁰ Exú - Entidades protetoras do templo na Umbanda.

²¹ *Lode* - *Òrìṣá* que fica na entrada dos templos, para proteger e guardar os mesmos.

²² *Avagan* - *Ògún* protetor da entrada do templo, ligado ao *Lode*, ele geralmente é sentado junto com o mesmo.

²³ *Timboá* - uma *Oya* que fica na frente do templo encarregada da segurança do mesmo.

²⁴ *Ògún Sòrokwè* - Divindade *Fon*, cultuada no Candomblé *Ketu*, introduzida pelo sacerdote *Báá Bobó*, semelhante ao *Avagã*.

do templo. O *Igbalè*²⁵ ou Casa de *Balé* apesar de haver pequenas diferenças encontra-se em ambos os cultos, demonstrando que a raiz é a mesma, claro que cada uma com as suas particularidades e conceitos próprios.

A estrutura do Barracão também chama atenção, o que para o *Ketu* chamamos de fundamentos "do chão" também são elementos que compõem a estrutura Afro-Sul, raiz *Kànbina*²⁶, com a diferença de o Afro-Sul assentar e consagrar o centro de seu barracão a *Sàngó Kamuka*²⁷ e em minha raiz assentamos *Intoto*, divindade cultuada somente em seu assentamento e não vira na cabeça de ninguém, pois não há como cultua-lo no *orí* de qualquer iniciado, por isso não é considerado um *Orisà*. Antigamente esta divindade recebia sacrifícios humanos, por tratar-se de uma divindade Antropófaga, come a carne e destrói os ossos. Como *Kamuka*, a *Intoto*, também não se dá iniciados, são divindades cultuadas como *Ojúbo*²⁸, seu culto possui grande relevância, porem não são cultuados no *Orí* ou individualizados. Caso apareça um *Íyàwò* desse *Orisà*, entrega-se a *Azauani* ou *Osùn* obedecendo, via de regra, aos fundamentos da Nação. Para alimentá-lo dá-se comida a terra.

Chamou-me atenção o Quarto de Santo estar ligado ao Barracão, acumulando todas as divindades que habitam o templo no mesmo quarto, na Tradição Candomblecista, de modo geral, o Quarto de Santo é separado do Salão Principal e é dividido basicamente em dois grupos de divindades, do Branco ou do Azeite Doce e do *Epo-pupa*²⁹ e ainda o Quarto destinado ao *Orisà Èsù*, que no Candomblé ocupa um espaço específico não dividido este espaço com nenhuma outra divindade, já no Batuque Afro-Sul este *Orisà* é

²⁵ *Igbalè* – Local para culto aos ancestrais.

²⁶ *Kànbina* – uma das raízes do *Orisáismo* Afro-sul.

²⁷ *Sàngó Kamuka* – O rei da raiz *Kànbina*, cultuado como *Ojúbo*.

²⁸ *Ojúbo* – Altar ou local de uma casa, onde são reverenciados os ancestrais ou suas divindades particulares.

²⁹ *Epo-pupa* – Azeite de dendê.

igualmente cultuado no Quarto de Santo com as demais divindades, com exceção do *Ojúbo* do *Bara Lode*, que fica na frente do templo, tal qual o nosso *Ẹsú*.

Revista *Olorun* – Consegue identificar alguma semelhança ou entender o cultuo Afro-sul através das cantigas e idioma?

Iyá Fabize - Há semelhança sim entre o Culto Afro-Sul, como no Candomblé *Ketu*, ambos de Tradição Iorubá, mantêm-se os princípios, atos, rituais, sacrifícios, rezas e cânticos aos *Orisã* muito próximos, algumas destas cantigas usadas em ambas às tradições, sendo diferenciadas apenas pela entonação rítmica.

O *Siré*³⁰ ou Roda de *Orisã*, nas duas Nações são bem distintos, o Culto Afro-Sul obedece a uma dinâmica em torno da divindade *Sàngó*, através da realização da “Balança”³¹, ato que não pertence à tradição dos Candomblés, assim como a dinâmica no Candomblé agrega o ritual do *Ipádé*³² e do costume de “vestir o Santo” ou paramentá-lo para que este venha apresentar-se à comunidade. No Batuque, os *Orisã* que chegam após a realização da Balança interagem harmonicamente e dançam conjuntamente uns com os outros, ainda que em rezas específicas de outro *Orisã*, essa interação entre eles e os demais que participam do *Siré* é de uma beleza sem igual.

³⁰ *Siré* – Roda de *Orisã*, festejos ou danças.

³¹ *Balança* – Ritual que procede em determinado momento das cantigas de *Sàngó*, evocando o transe dos adeptos que passam pela ocupação.

³² *Ipádé* – Reunião ou encontro, este ritual é feito no início do candomblé para despachar o *pádé* (mistura de dendê com farinha de mandioca) de *Ẹsú*, para afastar os *Ajogun* e os males que podem influenciar negativamente o ritual.

Revista *Olorun* - Há elementos, rituais e conceitos que podem ser identificados no Candomblé de *Ketu*?

Iyá Fabize - Podemos começar dizendo que ambas as Nações cultuam praticamente as mesmas Ancestralidades loruba, ambas cultuam *Igbalé*, ambas pertencem à Tradição *Orisáista* de matriz loruba, de onde observo, a partir destes elementos, importantes vínculos entre elas.

Atos como *EBorí*³³ e a composição/montagem dos *Igbá-Orí* e *Igbá-òrìsà* em seus fundamentos, da mesma forma e apesar de não ter participado de um ritual de iniciação foi possível entender a estrutura e rituais da iniciação Afro-Sul.

*Òkúta*³⁴, Búzios, *Obí*³⁵, Moedas, Ferramentas, Louças, Quartinhas... Os elementos que compõem os respectivos *Igbá* no Candomblé de *Ketu*, também estão presentes no Afro-Sul, bem como nos atos iniciáticos, sendo diferença determinante entre as duas culturas que em *Ketu* ao iniciar um *Iyáwó* / *Elégùn*³⁶ este passará por atos de raspagem, *Katulagem*, abertura de curas e *adósù*³⁷ elementos estes que não estão presentes no rito de iniciação ao Batuque Afro-Sul.

Ficam, nestes atos, distintos a utilização do uso das folhas sagradas que são manuseadas de forma diferenciada pelas duas nações e claro, as questões e as particularidades dos atos que em ambas as Nações permanecem secretos.

³³ *EBorí* - Culto ao *orí*.

³⁴ *Òkúta* - Pedra, costume dos povos loruba usarem o *Òkúta* em seus rituais à *òrìsà*.

³⁵ *Obí* - Semente de uma nós, usada para adivinhação.

³⁶ *Iyáwó* - Iniciado na religião

³⁷ *Adósù* - Um pequeno preparado que fica no topo da cabeça do iniciado, o que representa a iniciação daquele indivíduo.

Outro item ao qual eu não conseguia entender e tinha receio de cometer uma falha, ao por descuido tecer qualquer comentário, diz respeito ao tabu da Ocupação, é muito claro que no Candomblé de *Ketu* não há como manter este Tabu, afinal separamos aqueles que rodam no santo e aqueles que jamais irão rodar no seu *òrìsà*, baseando cargos e hierarquia a partir desta condição. Sabemos todos, que rodamos no santo e claro, que vestimos o *Òrìsà* e há todo um ritual praticado tradicionalmente por esta razão. Porém mesmo com todo receio eu acredito que me sai bem, afinal tenho grande respeito e preocupação em não cometer uma gafe num preceito tão importante e me limitei à observação, não tecendo comentários sobre os atos dos quais participei.

Revista *Olórun* - Referente às comidas secas, o que foi que viu?

Iyá Fabize - Não. Em maior proporção estas diferenças acentuam-se, por exemplo, no Afro-Sul há uso recorrente da pipoca oferecida a grande maioria dos *Òrìsà* cultuados nesta Nação. Para além, posso citar aqui algumas outras diferenças neste âmbito, como as rodela de batata doce que são oferecidas para *Oya*, Batatinhas, milho e pipoca oferecidos aos *Bará*; Churrasco que é oferecido a *Ògún* e assim por diante. Uma ou outra comida seca assemelha-se como o *Amalá* oferecido a *Sàngó* com carne de peito de boi, iguaria também oferecida a este *Òrìsà* no *Ketu*. Uma observação pertinente de ser feita aqui é essa especificidade na culinária do Batuque, que se apresenta tão distintamente e diferenciada mesmo sendo loruba como *Ketu*, enquanto nas demais Nações há uma reprodução das iguarias mesmo tendo elas origens diferentes da Cultura loruba.

Revista *Olorun* - Há elementos iguais ao ritual de *Ketu* que procede na preparação do *Orisá*?

Iyá Fabize - Ao iniciar um indivíduo na Nação *Ketu* este deve passar pelo que chamamos de Bolar para o Santo para que só então possa ele ser levado para o devido recolhimento de 21 dias, período no qual o iniciado passará pelos atos e rituais característicos desta Nação até que esteja pronto para ser apresentado à comunidade religiosa. *Ogã*³⁸ e *Ékéjì*³⁹ obedecem outra conformidade ritual, como estes cargos não compõem a estrutura Afro-Sul comentaremos em uma próxima oportunidade.

A fundamentação cultural e religiosa do Batuque Afro-Sul gira em torno do Tabu da Ocupação, não se acentua na prática desta cultura diferenças entre quem se ocupa ou não com o *Orisá*, o que, numa observação particular é fundamental para que não haja os tão famosos atritos e disputas já que todos, sem distinção, podem receber cargos. Para uma casa de Nação *Ketu* rodar ou não com o *Orisá* é fator determinante, para ser um *Bàbàlòrisà* ou *Iyálòrisà*, com direito a prática dos atos iniciáticos em *Elégùn*, este deverá obrigatoriamente ser um Rodante, havendo raras exceções por heranças, observando-se atentamente que no caso destas exceções, *Ogã* e *Ékéjì*, jamais praticarão os atos iniciáticos em ninguém, pois estes não passaram pelo fundamento, portanto, em *Ketu*, um Não Rodante não poderá iniciar um *Iyáwó*.

³⁸ *Ogã* - indivíduo homem, não rodante que possui o cargo de tocar e cantar durante os rituais do barracão.

³⁹ *Ékéjì* - indivíduo mulher, responsável por trocar e cuidar do santo dentro e fora do salão principal.

Revista *Olorun* - Sobre o Tabu da Ocupação, como uma Sacerdotisa de *Ketu* enxerga este tabu?

Iyá Fabize - A estrutura hierárquica obedecida na Nação *Ketu* não agrega o Tabu da Ocupação, ou seja, todos rodantes ou não rodantes conhecem sua condição.

O estranhamento à condição de desconhecer a incorporação pelo *Òrìṣà* acontece principalmente em razão de o *Elégùn*, em *Ketu*, receber fundamentos e preceitos específicos diferentes daqueles recebidos pelos não rodantes que serão “confirmados” como *Ogã* e *Èkéjì*, com funções distintas na “Roça” ou Terreiro, algum exemplos são o *Adósù*, elemento agregado a iniciação e fundamento recebido especificamente por *Elégùn*, o *Efun*⁴⁰, as *Kuras*⁴¹, dentre outros.

Como Sacerdotisa da Nação *Ketu* e em particular atenção e admiração ao Batuque Afro-Sul vejo o Tabu da Ocupação como precioso e vital dentro dessa cultura religiosa, cheguei a ver alguns comentários de indivíduos do Candomblé que comentam constantemente sobre a ocupação com seus *Elégùn*, isso é pura maldade, pois eu fui e entendi perfeitamente o mecanismo e soube me portar, não vejo dificuldade alguma em conviver com pessoas que possuem este Tabu, afinal eu convivo com tantos segredos que me educar para um tabu como este foi fácil e até interessante pois pude aprender e presenciar um novo conceito e fundamento.

Em resumo, eu consegui identificar elementos que pertencem a minha cultura, e achei muito interessante alguns pontos como separar as aves dos *òrìṣà* por penas auxilia

⁴⁰ *Efun* – Pô branco muito usado nos rituais

⁴¹ *Kuras* – Determinados cortes riscados na pele com a navalha, com diversas formas cada uma representa uma tribo.

muito e organiza o *orô*⁴², além disso gostei muito de ver as quartinhas pintadas para identificar a divindade, isso gera uma agilidade durante os atos, além disso, o tambor apesar de ser um apenas ele gera um bom som, e o uso do *agê*⁴³ que no meu candomblé usamos também.

Fiquei muito lisonjeada pelo convite e gostei muito de ter acesso aos rituais e *Sirê* do Batuque.

Saiba mais

Fabize Muinhos Nunes: Nascida em Belém – PA, em 18 de Setembro de 1971. Iniciada na Nação *Ketu*, em Setembro de 1997, pelo *Bâbálorisá* Fernando Castro de *Yemojá Ogunte*, no Ilê Axé Tokolê, Bahia. Mora em Belém, *Iyalôrisá* no *Ase Foribalê Korun* e Pós-Graduada em Políticas Sociais e Pesquisadora Independente.

Endereço Eletrônico: <http://www.facebook.com/#!/AseForibaleKorun>

⁴² *Orô* – Ritual, obrigação, costumes tradicionais.

⁴³ *Agê* – Cabaça empachada com contas, que geram um barulho semelhante a chuva caindo no telhado, ela é usada para marcar o tambor.



Kojóba – Calendário

O Calendário *Yorùbá* inicia o ano no dia 3 de junho, de acordo com este calendário o ano de 2013 (calendário gregoriano) o povo *Yorùbá* está no ano de 10.055.

A semana religiosa *Yorùbá* é de quatro dias, cada dia correspondia a um elemento da natureza, chamada *Òsè*, é dedicado à uma divindade (*Ọjó Awó*, *Ọjó Ọgún*, *Ọjó Sàngó*, *Ọjó Ọbàtálá*).

Legenda para os dias da semana religiosa.

	<i>Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányìn, Olókun</i>
	<i>Ọ̀gún, Odé, Otím</i>
	<i>Sàngó, Ọ̀ya</i>
	<i>Ọ̀bàtálá, Xapaná, Egúngún</i>

Meses em *Yorùbá*.

Ọ̀sù Kinní Odún (Janeiro)
Ọ̀sù Keji Odún (Fevereiro)
Ọ̀sù Keta Odún (Março)
Ọ̀sù Kerin Odún (Abril)
Ọ̀sù Karùn Odún (Maio)

Oṣù Kefà Odún (Junho)

Oṣù Keje Odún (Julho)

Oṣù Kejo Odún (Agosto)

Oṣù Kesàn Odún (Setembro)

Oṣù Kewà Odún (Outubro)

Oṣù Kòkàula Odún (Novembro)

Oṣù Kejila Odún (Dezembro)

Festivais

Em *Oṣù Keji Odún* (Fevereiro)

Olókun = *Órisà* dos oceanos ou mares profundos, entre 21-25 fevereiro

Oṣù Keta Odún (Março)

Odùduwà o patrono do povo *Yorùbá*, entre 15-19 março

Odé = Divindade da caça, entre 21-24 março

Oṣù Kerin Odún (Abril)

Ōgún = Divindade do metal, ofícios de guerra e engenharia. O guardião da verdade e executor da justiça, tais como patrono das profissões jurídicas e de aconselhamento que deve jurar a manter a verdade, enquanto morder um pedaço de metal.

Ōsùn = Divindade da fertilidade e guardiã da essência feminina, que protege a gestação.

Oṣù Karùn Odún (Maio)

Egúngún = Um festival de comemoração aos antepassados, que começa no último sábado de maio e segue por sete dias.

Osù Kefà Odún (Junho)

Okodún 3: dia 3 de Junho é o ano novo Yorùbá.

Dia de Xapanã Divindade das doenças de pele, varíola e pestes, junto com Qsányin divindade da Medicina e patrono das profissões medicinais, entre 7-8 de junho.

Yemojá = A divindade ligada as águas doces, entre 18-21 de junho.

Osù Keje Odún (Julho)

Orunmilá / Ifá = Grande festival de Ifá a divindade da adivinhação e fundador das ciências Ifá, geralmente ocorre na primeira e segunda semanas em julho.

Bara = A divindade ligada a todas as demais divindades, ele tem livre acesso entre o mundo físico e espiritual, na segunda semana de julho.

Sàngó = A divindade do fogo e dos raios, comemorado na terceira semana de julho

Osù Kejo Odún (Agosto)

Obátálá = A divindade mais antiga e mais importante no culto de matriz africana, o senhor dos panos brancos é considerado o criador do mundo físicos e dos homens, última semana de agosto

Osù Kewà Odún (Outubro)

Oya Divindade ligada ao rio Níger, encarregada do ritual fúnebre é aquela que carrega os espíritos para o mundo dos mortos, na primeira semana de outubro.

Osùn divindade protetora de Ìjèsà, celebra no dia 3 de outubro.

Informante

Lewry – Eleko Centro Cultural Ifá – SP

junho 2013

<i>Ojé-Iṣanmi</i> (domingo)	<i>Ojé-Aṣṣé</i> (segunda-feira)	<i>Ojé-Aṣṣé</i> (terça-feira)	<i>Ojé-Ṣé</i> (quarta-feira)	<i>Ojé-Ṣégun</i> (quinta-feira)	<i>Ojé-Ṣé</i> (sexta-feira)	<i>Ojé -Abimeta</i> (sábado)
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	Notas:					

Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányin, Olókun
 Ọ̀gún, Odé, Otím
 Ẹ̀sàngó, Ọ̀ya
 Ọ̀bàtálá, Xapanã, Egúngún

julho 2013

<i>Ọjọ-Ìsẹmi</i> (domingo)	<i>Ọjọ-Apẹ</i> (segunda-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣ</i> (terça-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣ</i> (quarta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣun</i> (quinta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣ</i> (sexta-feira)	<i>Ọjọ-Àbámẹta</i> (sábado)
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			
Notes:						

	<i>Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányìn, Olókun</i>
	<i>Ọ̀gún, Odé, Otim</i>
	<i>Ẹ̀sàngó, Ọ̀ya</i>
	<i>Ọ̀bàtálá, Xapaná, Egúngún</i>

agosto 2013

<i>Oṣi-Ìṣirò</i> (domingo)	<i>Oṣi-Ajé</i> (segunda-feira)	<i>Oṣi-Ìṣu</i> (terça-feira)	<i>Oṣi-Ọ̀ṣi</i> (quarta-feira)	<i>Oṣi-Ìṣẹgun</i> (quinta-feira)	<i>Oṣi-Ẹ̀ti</i> (sexta-feira)	<i>Oṣi -Àbànṣta</i> (sábado)
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31
		Notes:				

Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányìn, Olókun
 Ọ̀gún, Odé, Otím
 Sàngó, Oya
 Ọ̀bàtálá, Xapanã, Egúngún

setembro 2013

<i>Ọjọ-Ìṣhẹmí (domingo)</i>	<i>Ọjọ-Ajé (segunda-feira)</i>	<i>Ọjọ-Ẹṣi (terça-feira)</i>	<i>Ọjọ-Ọṣi (quarta-feira)</i>	<i>Ọjọ-Àṣugun (quinta-feira)</i>	<i>Ọjọ-Ẹtí (sexta-feira)</i>	<i>Ọjọ-Àbámga (sábado)</i>
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					
Notes:						

	<i>Bara, Yemojá, Ọsùn, Ọbà, Ọsányìn, Olókun</i>
	<i>Ọgún, Odé, Otím</i>
	<i>Ẹàngó, Ọya</i>
	<i>Ọbátálá, Xapaná, Egúngún</i>

outubro 2013

<i>Ọjọ-Ẹtí</i> (domingo)	<i>Ọjọ-Ajé</i> (segunda-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣh</i> (terça-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣh</i> (quarta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣh</i> (quinta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣh</i> (sexta-feira)	<i>Ọjọ-Àbámẹta</i> (sábado)
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		
Notes:						

	<i>Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányìn, Olókun</i>
	<i>Ọ̀gún, Odé, Otím</i>
	<i>Ẹ̀ṣh, Ọ̀yá</i>
	<i>Ọ̀bátálá, Xapaná, Egúngún</i>

novembro 2012

<i>Ọjọ-Ṣunmù</i> (domingo)	<i>Ọjọ-Àpè</i> (segunda-feira)	<i>Ọjọ-Ẹ̀tì</i> (terça-feira)	<i>Ọjọ-Ẹ̀dò</i> (quarta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹ̀gùn</i> (quinta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹ̀tì</i> (sexta-feira)	<i>Ọjọ-Àbámẹ́ta</i> (sábado)
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
Notes:						

	<i>Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányìn, Olókun</i>
	<i>Ọ̀gún, Odé, Otim</i>
	<i>Ẹ̀sàngó, Ọ̀ya</i>
	<i>Ọ̀bátálá, Xapanã, Egúngún</i>

dezembro 2013

<i>Ọjọ-Àsìrì</i> (domingo)	<i>Ọjọ-Àpẹ</i> (segunda-feira)	<i>Ọjọ-Àlù</i> (terça-feira)	<i>Ọjọ-Àlẹ</i> (quarta-feira)	<i>Ọjọ-Àsẹgun</i> (quinta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹtí</i> (sexta-feira)	<i>Ọjọ -Àbámẹta</i> (sábado)
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				
		Notes:				

	<i>Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányìn, Olókun</i>
	<i>Ọ̀gún, Odé, Otim</i>
	<i>Ẹ̀sàngó, Ọ̀ya</i>
	<i>Ọ̀bátálá, Xapaná, Egúngún</i>

01/01/14

Oṣṣ-ḡḡḡḡ (domingo)	Oṣṣ-Àḡḡ (segunda-feira)	Oṣṣ-ḡḡ (terça-feira)	Oṣṣ-ḡḡ (quarta-feira)	Oṣṣ-ḡḡḡḡ (quinta-feira)	Oṣṣ-ḡḡ (sexta-feira)	Oṣṣ-Àḡḡḡḡ (sábado)
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	
		Notes:				

■ *Bara, Yemojá, Òsùn, Obà, Osányin, Olókun*
■ *Ògún, Odé, Otim*
■ *Sàngó, Oya*
■ *Obàtálá, Xapanã, Egúngún*

fevereiro 2014

<i>Ọjọ-igbimi</i> (domingo)	<i>Ọjọ-Ajé</i> (segunda-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣ</i> (terça-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣ</i> (quarta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣun</i> (quinta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣ</i> (sexta-feira)	<i>Ọjọ-Àbámẹta</i> (sábado)
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	
notes:						

	<i>Bara, Yemojá, Ọsùn, Ọbà, Ọsányìn, Olókun</i>
	<i>Ọgún, Odé, Otim</i>
	<i>Ẹ̀sàngó, Ọya</i>
	<i>Ọ̀bàtálá, Xapanã, Egúngún</i>

março 2014

<i>Ọjọ-Ṣinmì</i> (domingo)	<i>Ọjọ-Ajé</i> (segunda-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣi</i> (terça-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣi</i> (quarta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣi</i> (quinta-feira)	<i>Ọjọ-Ẹṣi</i> (sexta-feira)	<i>Ọjọ-Abẹmẹta</i> (sábado)
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31	Notes:				

	<i>Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányìn, Olókun</i>
	<i>Ọ̀gún, Odé, Otim</i>
	<i>Ẹ̀sàngó, Ọ̀ya</i>
	<i>Ọ̀bàtálá, Xapaná, Egúngún</i>

abril 2014

<i>Ojg-Igneri</i> (domingo)	<i>Ojg-Ajé</i> (segunda-feira)	<i>Ojg-Ibi</i> (terça-feira)	<i>Ojg-Ibi</i> (quarta-feira)	<i>Ojg-Igun</i> (quinta-feira)	<i>Ojg-Eti</i> (sexta-feira)	<i>Ojg-Abàngsta</i> (sábado)
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			
Notes						

Bara, Yemojá, Òsùn, Obà, Osányin, Olókun
 Ògún, Odé, Otím
 Ẹ̀ṣàngó, Oya
 Obátálá, Xapaná, Egúngún

maio 2014

<i>Ọ̀jọ̀-igbimí (domingo)</i>	<i>Ọ̀jọ̀-Àjé (segunda-feira)</i>	<i>Ọ̀jọ̀-Ẹ̀rú (terça-feira)</i>	<i>Ọ̀jọ̀-Ẹ̀gá (quarta-feira)</i>	<i>Ọ̀jọ̀-Ẹ̀gun (quinta-feira)</i>	<i>Ọ̀jọ̀-Ẹ̀tí (sexta-feira)</i>	<i>Ọ̀jọ̀ -Àbámẹ́ta (sábado)</i>
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31
		Notes:				

Bara, Yemojá, Ọ̀sùn, Ọ̀bà, Ọ̀sányìn, Olókun
 Ọ̀gún, Odé, Otím
 Sàngó, Ọ̀ya
 Ọ̀bàtálá, Xapaná, Egúngún

Provérbio Yorùbá

Ogún odún tí ebí tí n pa ògà, ìrìn-in fàájì ò padà lèsè-e rẹ̀

Por vinte anos que o camaleão passa fome, ele não alterou sua mamaneira de andar com posse.



A pessoa digna continua com comportamento digno em qualquer situação. Não existe problema ou adversidade que pode fazer com que uma pessoa idônea altere a sua maneira digna de vida.

Gideon Babalolá Idowú

Ìyáàmi, Àjé e Osó

Chief Ifawole
03/10/2009

Publicado pelo Babalô Aworeni no site www.orishada.com

Tradução de Luiz L. Marins

Março de 2013

As *Ìyààmí* são as mulheres que receberam o poder de *Olódùmarè*. Elas são conhecidas pelo nome de *Ájé*. São chamadas por três nomes principais:

Ayere Eiye
Oyeye Eiye
Oniko Eleye



Estas três *Ìyààmí* não apenas receberam poder de *Olódùmaré*, como são elas que iniciaram, espalharam, e tem o poder supremo de *Ájé* sobre a terra. O poder de *Ájé* na terra tem duas categorias:

- *Osó*: que são do sexo masculino.
- *Ájé eleye*: que são do sexo feminino.

[Somente] *Èsù* tem a capacidade de comunicar-se com ambos os lados.

Ninguém pode escolher se iniciar em *Ìyààmi*. São elas que escolhem quem elas querem e chamam a pessoa. Ninguém pode dizer que foi iniciada em *Ìyààmi*, ou dizer que vai iniciar você. Ninguém pode ter, ou dar um altar de *Ìyààmi* ou *Ájé* [para alguém].

Ninguém pode dizer que foi iniciada para *Ìyààmi* ou dizer que ela vai iniciar você. Ninguém pode ter ou dar um altar de *Ìyààmi* ou *Ájé*. Se alguém diz que tem um altar de *Ìyààmi*, que pode te dar um, que ela foi iniciada para *Ìyààmi*, e que pode iniciar você, ela está mentindo. É verdadeiramente impossível fazer isto. Não existe altar específico para *Ájé*. Oferendas para *Ájé* só podem ser feitas através de *Èsù* numa encruzilhada, ou na árvore *Ìrókò*.

Ninguém sabe onde é o templo de *Ájé*. Os anciões de *Ifá* dizem que elas são da cidade de *Ōtá*, de um lugar chamado *Idi*. Ninguém sabe onde é este lugar chamado *Idi*, mas se alguém souber, eles nunca dizem.

A crença geral iorubá é que elas são feiticeiras, que precisam ser respeitadas e temidas. Os iorubás dizem que esta crença sobre *Ájé* é porque elas são conhecidas por torturar, matar e punir duramente qualquer um que desrespeite os cruze seus caminhos. Por isso, muitos ganhos ilícitos são obtidos com a ajuda de *Ájé*. Para vermos o lado bom de *Ájé*, deve fazer os sacrifícios apropriados.

Existem três tipos de *Ajé*:

Ájé dúdú
Ájé funfun
Ajé pupa

As *Ájé dúdú* não matam as pessoas diretamente, porém elas torturam as pessoas ao ponto de morte, e privam a pessoa de obter seu sucesso que lhe foi destinado.

As *Ájé pupa*, também conhecidas como *Oṣó*, matam as pessoas diretamente, usam facas e são conhecidas por matar muitas pessoas.

As *Ájé funfun* abençoam, orientam, e não destroem. No entanto, se alguém as ofende, elas tornam-lhes as coisas difíceis e as pune severamente. Elas são boas, mas também poder ser más, se provocadas.



Chief Ifawole Idowu Awominure nasceu e foi criado em Ilè- Ifè, originário de Agesinyowa. Ele nasceu e foi criado em uma família de babalaôs altamente respeitados.

*Chief Ifawole é especializado em Ifá e é membro ativo da comunidade de Obàtálá. Ele tem muitos omo-awo. Ele possui o título de *Lisa*, segundo para *Oluwa* na Fraternidade *Ogboni*.*

INTERNET, Disponível em <<http://orishada.com/wordpress/?p=537>>

Adaptação de Luiz L. Marins
CULTURA YORUBA
<http://culturayoruba.wordpress.com>



A História *Ìjèsà*

Erick Wolff

Pesquisador independente
E autodidata

Maio / 2013

A fundação de *Ìjèsà*

Ìjèsà é uma cidade situada na região *Yorùbá*, a oeste da *Nigéria*, rodeada pelos rios *Òsùn*, *Saṣa* e *Oni*, que fluem para o sul e sudoeste para a lagoa de Lagos, cerca de cem quilômetros de distância, Latitude 8.92°N Longitude 3.42°E.

Ìjèsà também é o nome de um estado histórico, centralizado ao redor da cidade, foi provavelmente fundada em 1.500. A fundação de *Ìjèsà* provavelmente surgiu da migração de membros da dinastia de *Ilẹ̀-Ifẹ̀*. Algumas cidades mais populares de *Ìjèsà* são *Ibokún*, *Erin Ìjèsà*, *Ipetu jèsà*, *Ijebu jèsà*, *Eṣa Oke*, *Ipole*, *Ifewara*, *Reinmo*, *Iwaraja*, *Idominasi*, *Ilase*, *Igangan*, *Imo* e muitos outros.



Os *Yorùbá* narram que a fundação de *Ìjèsà* ocorreu através do seu antepassado *Òbokún* o fundador desta terra, ele foi o filho mais novo de *Odùduwà*. Narra a lenda que *Òbokún*, sozinho diante de todos os filhos de *Odùduwà*, ofereceu-se para buscar água do mar, para curar a cegueira do seu pai. Ao seu retorno, ele foi informado que o seu pai estava morto, e ele pediu sua "parte" de suas heranças. Ele foi informado de que *todas* as heranças incluindo as coroas foram entregues a seus irmãos mais velhos. Em vez disso, ele recebeu uma espada *Àjàsé-idà* ⁴⁴, com esta espada ele conquistou o direito às terras fundando *Ìjèsà*. Seu patrimônio foi reivindicado na praça ainda conhecida como *Ènu Owa*, em frente do *Ààfin* ⁴⁵ de *Ilé-Ifé*.



Esta imagem ilustra o evento, onde a espada foi levantada como um testemunho a este evento e evidência de um grande guerreiro!

A origem da dinastia de *Ìjèsà*

Òrìsàrayibi Ogedengbe, conhecido como *Ogedengbe Agbogunboru*, nasceu em *Atorin Village, Ilesà*, Estado de *Oṣun*.

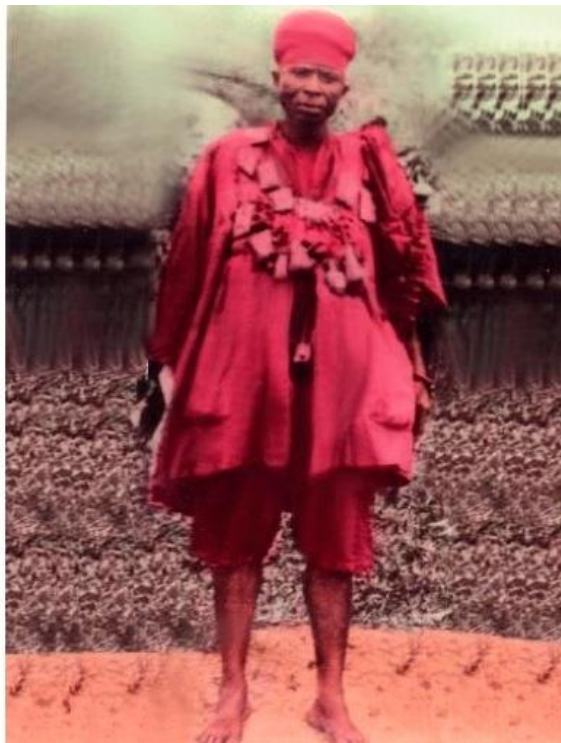
hefe *Orisarayibi Ogedengbe*, foi o primeiro grande Rei de *Ìjèsàland*, veja-o na imagem em seu uniforme de guerreiro. A primeira geração da dinastia do grande *Ogedengbe*.

⁴⁴ *Àjàsé* – Vitória; *Idà* – Sabre ou espada = Espada da vitória.

⁴⁵ *Ààfin* – Palácio.

Ogedengbe foi um indivíduo para contemplar, uma verdadeira personalidade que virou lenda, definindo e fazendo história desde tenra idade até a idade adulta. Ele foi um *Ijèsà*, orgulhoso corajoso e confiante, embora extremamente polemico, ele tinha um amor verdadeiro e genuíno pela sua cidade e súditos. *Ogedengbe* foi um grande homem, dotado de uma vida imaculada, não possuía medo de ninguém. *Ogedengbe* era destemido, sempre disposto e pronto para lutar ou atacar qualquer um que se atreve a desafiá-lo, e, foi assim até o fim.

Ogedengbe tinha fama, sabedoria, carisma e conhecimento e foi um ícone máximo do seu tempo. Os homens queriam ser como ele, e as mulheres queriam ser sua esposa.



"*Oyo kabi onia*" tornou-se a senha entre os escravos de Ibadan, no século XIX [...](Akinyele)

Bibliografia

FALOLA, Toyin and USMAN Aribidesi. Movements, Borders, and Identities in Africa, University of Rochester Press, USA
História *Ijèsà* - <http://ijesa.org/modules/content/index.php?id=3>
http://www.ijeshaland.org/ijesa_history.htm

O povoado de *Kànbí*

Erick Wolff
Pesquisador independente
E autodidata

Maio / 2013

RESUMO

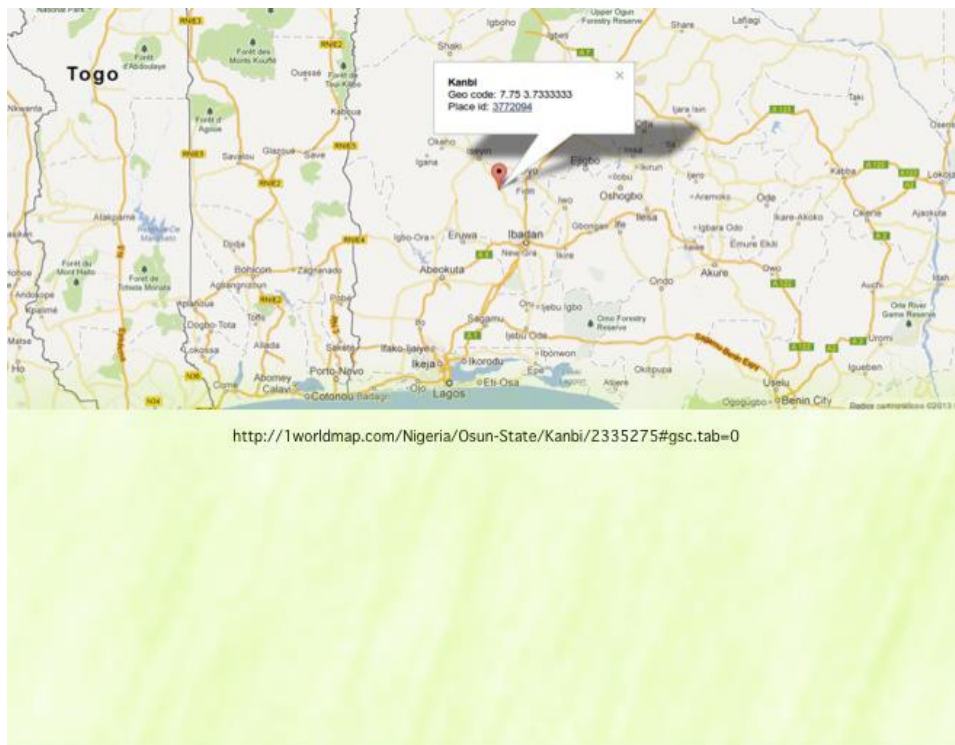
Sem pretensão alguma, desejamos neste texto apresentar a localização do povoado de *Kànbí*, para que possa iluminar a mente dos Afro-descentes do Sul do país, com intenção de criar novos caminhos para estudos e pesquisas.

PALAVRAS CHAVES: *Kànbí*, *Òsùn*, *Nigéria*

O povoado de *Kànbí* está situado no estado de *Òsùn*, *Nigéria*. *Kànbí* localiza-se numa altitude de 222 metros acima do nível do mar, as coordenadas de *Kànbí* são 7°28'0" N e 4°12'0" E em DMS (Graus Minutos Segundos) ou 7,46667 e 4,2 (em graus decimais). Sua posição UTM é FJ32 e sua Operação Conjunta referência Gráfica é NB31-03. Calcula-se uma população de 77.015.



[http://www.getamap.net/maps/nigeria/nigeria_\(general\)/_kanbi/](http://www.getamap.net/maps/nigeria/nigeria_(general)/_kanbi/)



Cidade *Àbína*

Erick Wolff
Pesquisador independente
E autodidata

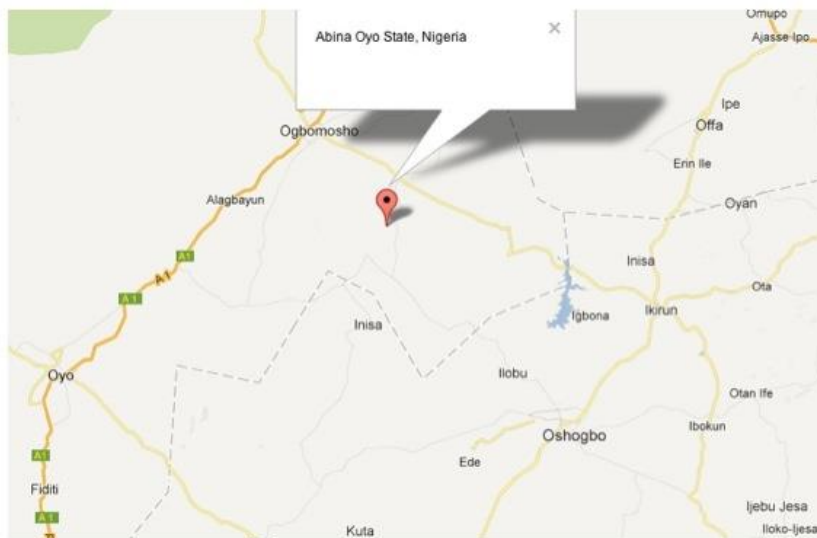
Maio / 2013

RESUMO

Neste texto desejamos apresentar mais uma cidade vinculada ao povo *Yorùbá*, neste material apresentaremos a cidade *Ābina* e um mapa do palácio de *Ōyó*, neste material chegamos novamente próximo ao ritual da *Kànbína* do *òrìṣàismo* Afro-sul, e seus rituais *Yorùbá*.

PALAVRAS CHAVES: *Ābina*, *Kànbína*, *Káà*, *Aganju*

A cidade *Abina* está localizada em *Ōyó*, na *Nigéria* e suas coordenadas geográficas são latitude: 8,0167°N e longitude: 4,3333°E. A moeda local de *Abina* é *Naira* (NGN).





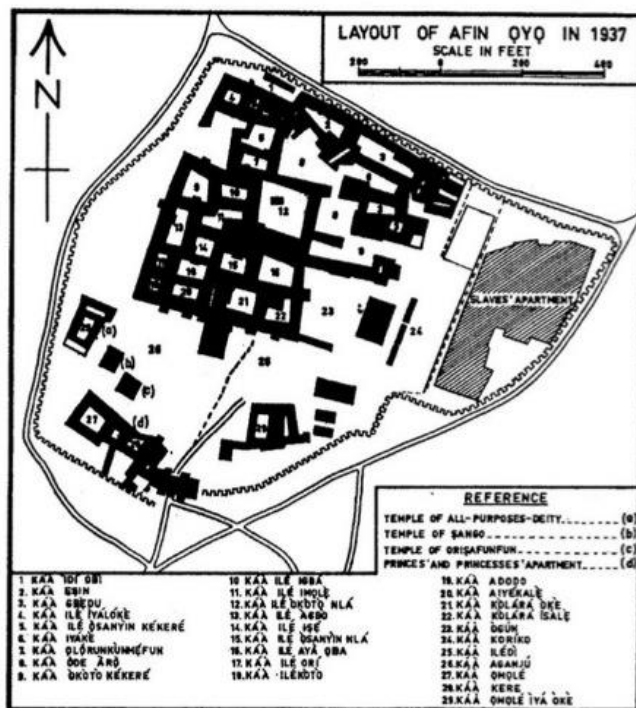
Higher level places	Name variants	Place type	Place time period	Standard text	Culture	Iso code	Geo code	Indentification number
What You Searched For								
Abina	Oyo Nigeria World	Type: Populated Place Code: PPL FC: P		Abina	Africa	NG-OY	8.0166667 N 4.3333333 E	3787692
Other places found in Abina: 0								

Não é possível afirmar com extrema certeza que este ou aquele é o caminho certo e único, no entanto, podemos observar o nosso culto, nossa comunidade e nossos rituais, que nos levam à cultura *Yorùbá* e seus costumes, já tivemos acesso há inúmeros artigos que nos revelaram muitos conceitos e informações, abrindo a nossa mente e olhos, tudo isso para que possamos apreciar as nuances que nos levam a imaginar possíveis vínculos da *Kànbína* Afrosul com a *Ábina* e o nome dos *Káà* (quartos) do palácio de *Ôyó*.

" [...] O portão principal do palácio dá acesso ao mais largo dos pátios conhecido como Aganjú. Usado principalmente para assembleias com todo o povo da cidade, o Aganjú espalha-se aproximadamente sobre 3.5 acres. Nele há os templos de três *Orisà*: *Sàngó*, *Orisàfunfun* e a divindade para todas as coisas [...]"
(página 48)

Observamos que na primeira edição da revista *Olòrun*, ao publicarmos os *Irúnmolé*⁴⁶ que são cultuados no *òrisàismo* Afro-sul, notamos que todos pertencem e são cultuados nos fundamentos *Yorùbá*.

⁴⁶ *Irúnmolé* – Divindades cultuadas entre as nações de matriz Africana.



(página da foto: 47)

Os mesmos traços são notados no *àse* do *Ekomi*⁴⁷, um ritual que agrega o *epo-pupa*⁴⁸ e a farinha de mandioca, que *Bara* tanto adora e ajuda a afastar os *Ajogun*⁴⁹.

Na segunda edição tivemos contato com o *Aláààfin* de *Ôyó* e os rituais fúnebres. Na terceira e quarta edição desenvolvemos a noção de pessoa e os rituais para *Orí*, nos informando e conceituando sobre nossos rituais Yorùbá.

E foi na quinta edição que tivemos acesso A Entronização do *Aláààfin* e sua conservação, que apresentou os rituais do rei dos reis Yorùbá e a semelhança com o ritual da *Kànbína* Afrosul. Entre tantas edições seguinte sempre houve um lastro que fixasse a *Kànbína* aos rituais Yorùbá, o que nos deixa uma laguna aberta ao tentar buscar elementos que possam ilustrar vínculos com o povo Banto, sendo que o povo Banto não cultua *Òrìṣà*, *Orí*, *Ìborí*, *Òkúta*, *Igba-òrìṣà* entre tantos outros elementos que fazem parte da cultura Yorùbá.

Por isso, é possível somar *Káà + Ábina = Kábina*, lógico que são apenas sugestões, pois não podemos chegar afirmar com toda certeza e intenção de ditar que este é o caminho.

⁴⁷ *Àse* do *ekomi* – Um ritual que é feito em dias que há toque no templo, muito semelhante ao ritual do *Ipádé* do Candomblé.

⁴⁸ *Epo-pupa* – Azeite de Dendê

⁴⁹ *Ajogun* – são os seres maléfico que agem contra os seres humanos.

Conclusão

Ábina é uma cidade de *Ọ̀yó*, descobrimos que os quartos e salas do palácio de *Ọ̀yó* eram conhecidos por *Káá*, o que gera uma leve possibilidade de criar o nome de uma das vertentes do *Ọ̀rìsàismo* Afrosul, a *Kánbina* baseia-se nos rituais, divindades e conceitos *Yorùbá*, e, foi por isso que nossos estudos sempre nos levaram acreditar que esta raiz pertence a ancestralidade *Yorùbá*, tal qual as divindades cultuadas e seus rituais.

Bibliografia

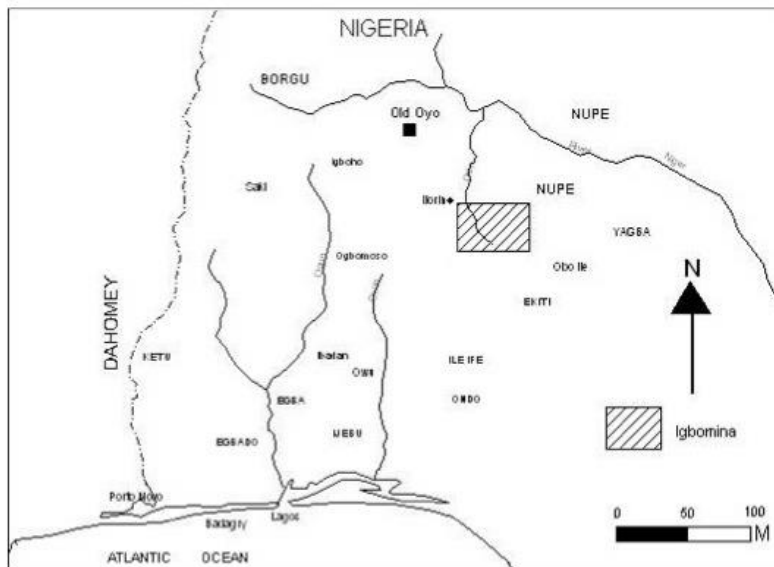
OJO, Afolabi. *Yoruba Palaces, A Study of Afins of Yorubaland*. London, University of London Press, 1966.

Os Ìgbómìnà

Erick Wolff
Pesquisador independente
E autodidata

Maio / 2013

Ìgbómìnà faz parte da *Yorubaland*, atualmente é dividido em *Irepodun*, *Ifelodun* e *Isin* áreas do governo local de Estado *Kwara*, Nigéria. Ao Norte temos a região *Nupe* e *Kamuku*.

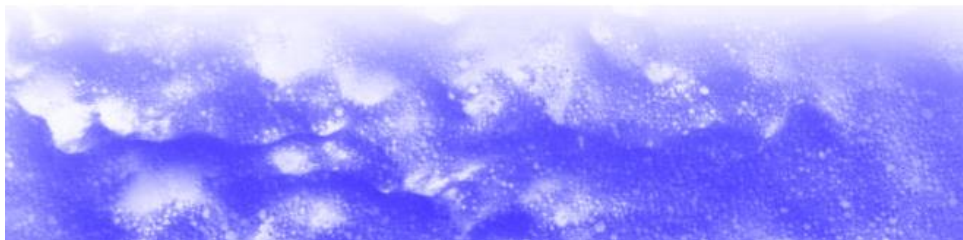


O idioma oficial deste povo é *Ìgbómìnà* (ou *ìgbónà*), além do *Yorùbá*. Os *Ìgbómìnà* se espalharam por toda parte, que é hoje o norte do *Òsùn* (estado) (especialmente *Ila Òràngun*, *Oke-Ila* e *Ìgbómìnà Ora*) e do leste do *Kwara* (estado). As áreas periféricas da região linguística têm algumas semelhanças com os dialetos das adjacentes *Ekiti*, *Ijesha* e *Òyó*.

Os *Ìgbómìnà* são exímios caçadores e famosos por sua agricultura e arte.

A história do povo *Ìgbómìnà* iniciou após o referendo realizado por todos os *Yorùbá* no *Ita Ajero* em *Ilè-Ifè*.

Este referendo foi realizado para discutir e decidir a forma de descongestionar a povoada *Ilè-Ifè* o berço da terra iorubá. O resultado do referendo foi a de que todos os filhos e filhas de *Odùduwà* iriam sair de *Ilè-Ifè* para encontrar locais de residência. Cada príncipe ou princesa foi dada uma coroa e um símbolo, que mais tarde tornou-se um símbolo de sua autoridade.





IGBOMINA

As pessoas *Ígbóminà* receberam um facão chamado de "*Ádá Ógbó*". Acredita-se que este cutelo foi dado a *Ọrangun de Ila*, reza a lenda que este cutelo possuía um poder espiritual que ele agiu como o descobridor para as pessoas *Ígbóminà* durante seu itinerário de *Ifè* até os dias atuais terra *Ígbóminà*. É por causa do caminho de encontrar e rota detectar papéis do cutelo que o facão foi dado o nome de "*Ógbó mi Mọ̀nà*" (Meu cutelo é capaz de mostrar-me os meus caminhos). Isto foi mais tarde para encurtar "*Ógbómọ̀nà*", que mais tarde, com a passagem do tempo alterado para *Ígbóminà*. Assim, o cutelo (ADA) levou o povo *Ígbóminà* ao presente terra *Ígbóminà*.

Os *Ígbóminà* assumem grande destaque no culto a *Egungun*⁵⁰, *Eléwé*⁵¹ e Festivais em *Epa*. Existe uma famosa máscara *Eléwé*, *Egungun* representa os antepassados durante os festivais, que é exclusiva do subgrupo *Yorúbá Ígbóminà*.

⁵⁰ *Egúngún* – culto ancestral.

⁵¹ *Eléwé* – culto às folhas

Vilas de *Ígbómìnà*

Labaka	Labaka-Idera	Magbon
Manasara	Moloko	Memudu
Mosudo	Oba	Obin
Odo-Eku	Odo-Ore	Ofarese
Oke-Aba	Oke-Ayo	Oke-Daba
Oke-Ode	Oke-Onigbin	Oke-Oyan
Oke-Oyi	Okerimi-Oro	Okeyapo
Oko	Oko-Ede	Olayinka
Olla-Oloke	Oloke	Olorunsogo-Oro
Omi-Aro	Omido	Omu-Aran
Oyate	Olotu	Ode-Ologbo
Olufayo	Orua	Olomide
Olotu	Owoyale	Owodunni
Onila	Oke-Ofa	Ojomu
Olakin	Okuta-Oke	Onigbongbo
Ologomo	Olowonijere	Olayemi
Ogbere	Odunade	Otaokun
Onijo	Oroki-Oja	Oko-Inisan
Oko-Owaro	Obadare	Ogba
Obaloyan	Omupo	Oponda
Onijo	Ora	Ore
Oreke	Oreke-Oke-Igbo	Otun-Oro
Okeola-Oro	Ora-Ago	Owa-Kajola
Owa-Onire	Owa-Onire	Owode-Ofaro
Owu-Isin	Oyatedo	Pamo
Patako	Pidan	Sabaja
Sanmora	Sogbe	Share
Sie-Oro	Sulu	Wande
Yaru	Araromi	Were
Defonu	Jagbori	Ago-Femu-Adelakun
Olomido	Elega	Ishola
Bada	Agindigbi	Gaa-Okanla
Okeya	Okeya-Agbamu	Falokun-Oja
Jimba	Apado	

O *Ôràngun* de Ila, século 19.

Descendente direto de um dos dezesseis filhos de *Odùduwà*, a divindade mencionada pelos sacerdotes de *ifá* como sendo o criador do mundo físico, além disso ele foi o primeiro rei do povo *Yorùbá*. O *Ôràngun* foi um dos poucos reis *Yorùbá* privilegiados a usar o véu frisado na coroa. Alguns *Yorùbá* consideram que *Olókun* outros *Obàlùfôn* abençoou a humanidade a beleza das contas, o privilégio do seu uso tem sido reservado aos reis, aos sacerdotes e sacerdotisas de determinadas divindades, além dos adivinhos, isto é, para as pessoas cujos poderes espirituais que possam circular em toda a fronteira que separa o homem dos deuses, enfim secular do sagrado. É, cabe somente à realeza os artefatos que carregam contas, como: sapatos, joias, roupas, adornos, apoios de pés, bastões, equipes cerimoniais, tronos e coroas. (fonte - William Fagg)



Oba Ígbómìnà (Rei Ígbómìnà)





Ajasse IPO

Ajasse Ipo ou *Ajasepo* é uma cidade antiga em *Igbómìnà-Yorùbá* terra do estado de *Kwara*, na *Nigéria*. O nome da cidade é soletrado às vezes como *Ajase-IPO* e é uma das cidades de destaque no Irepodun área do governo local do Estado. O atual governante da cidade é Qba Sikiru Sanni Woleola II.

Bibliografia

William Fagg, Yoruba pérolas, Art of Nigeria, Editions Pace, 1980.

Pesquisa e fonte – www.igbomina.org

www.ajasseipo.webs.com

www.nairaland.com

Kamuku National Park

*PARTICIPATORY SURVEY AND CONSERVATION OF ENDANGERED
SAVANNAH ELEPHANTS OF KAMUKU AND ITS ENVIRONS, NIGERIA
BEING A FINAL PROJECT REPORT*

De AMUSA, Tajudeen Okekunle
(Revisado e editado)

Tradução online

Erick Wolff8
12/04/2012

RESUMO

Este trabalho tem a importante finalidade de demarcar a existência e localização do Parque *Kamuku*, criando uma possível ligação do povo *Kamuku* e os *Iorubá* com o Rei da raiz *Kànbína* da cultura Afrosul, veja a tradução online do material.

PALAVRAS CHAVE: *Kànbína*, *Kamuku*, *Iorubás*.



Kamuku National Park (KNP) situado em Birnin Gwari

no Estado de *Kaduna*, Noroeste da *Nigéria*. Sua posição geograficamente situado na longitude 100 451 N e latitude 060 301 E, que cobre uma área estimada de 1.120 km². Originalmente foi nomeado como *Birnin* Floresta Autoridade *Gwari Native Reserve* em 1936, porem em Maio de 1999, foi promovido ao status de Parque Nacional.

Kamuku National Park possui solos rasos lamosos, ferruginosos e argilas com áreas da interposição de laterita. Grande parte do terreno é plano, aumentando gradualmente para leste para o *Gwari Birnin Ridge* (com a maior altitude de cerca de 610m²), que faz parte da fronteira leste. Dotado de uma leve inclinação de 380m² ao redor do rio *Mariga* vale no limite sul-ocidental. A precipitação anual na área milímetros média 1150 com o período chuvoso que ocorre entre Maio e Outubro. Faixas de temperatura entre 250C-350C na maior parte do ano, com umidade geralmente elevada. A vegetação é caracterizada por ambos territórios da *Guiné* e alguma transição da *Savannah* do *Sudão*, representando um dos melhores blocos restantes do *Sudão da Guiné*, com a vegetação de cerrado, numa extensa área protegida do país.

KNP é uma das mais importantes áreas da Biodiversidade da *Nigéria* de uma riqueza invejável. Pequenas populações de elefantes *Loxodonta africana*, antílope, equinos, que circulam no Parque, assim como pequeno número do leão *Panthera leo*. Focando a gestão para a maior parte dos esforços para proteger a fauna do Parque aos mamíferos de grande porte.

Historicamente, o Parque possui certo significado cultural com duas grandes tribos, o *Gwaris* e os *Kamukus*. Tradicionalmente, os dois povos são originalmente agricultores, com minoria caçadores sendo pastorais, artesãos especializados, tecelões, fabricantes de cerâmica e ferreiros.



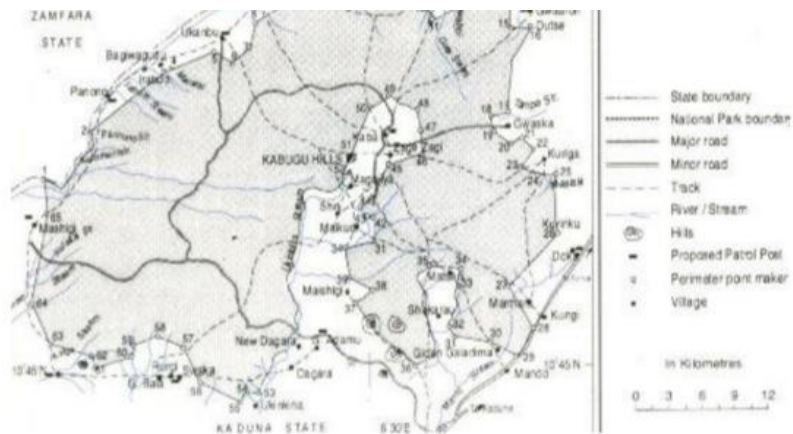
Possuindo bolsões de outras tribos, como o *Hausa*, *Fulani*, *Iorubá*, *Ibo*, *Kataf*, *Kanikon*, *Jaba*, *Marwa* e *Kogoro* considerados colonos na região. [grifo nosso]

Os *Kamuku* foram colonizados também pelos Iorubás (Luiz L. Marins)

Vários assentamentos formam as comunidades de apoio da zona do Parque com uma população estimada de 30.400 habitantes (KNP, 2010). As principais ameaças atividades de conservação são a caça ilegal, criação de gado e uma falta de gestão plano desde sua criação em Maio de 1999 (Ezealor, 2002).

Kamuku National Park é colocado em *World Conservation Union* (IUCN) Gerenciamento de Categoria II, ou seja, Área protegida especialmente para o ecossistema proteção e recreação.





Map of Kamuku National Park showing the supports zone communities

Bibliografia

AMUSA, Tajudeen Okekunle, Participatory Survey and Conservation Of Endangered Savannah Elephants of Kamuku and its Environs, Nigeria, Being a final project report

Submitted to, Ford Small Grants Foundation (For Nature Conservation), Pág 12

www.ruffordsmallgrants.org
<http://knp.nigeriaparkservice.org>



Fonte das imagens ignorada; à saber.

